

FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO LICENCIATURA EM FILOSOFIA

O PROBLEMA DO MAL ONTOLÓGICO-COSMOLÓGICO À LUZ DA
FILOSOFIA DE AGOSTINHO

TATIANA SOUZA SANTOS

Anápolis/ GO

2014

TATIANA SOUZA SANTOS

O PROBLEMA DO MAL ONTOLÓGICO-COSMOLÓGICO À LUZ DA
FILOSOFIA DE AGOSTINHO

Trabalho apresentado para fins de
avaliação parcial do curso de Licenciatura
plena em Filosofia sob orientação do Prof^o
Ms. Pe. João Batista de A. Prado Ferraz
Costa

Anápolis/GO

2014

Folha de Aprovação

Tatiana Souza Santos

**O PROBLEMA DO MAL ONTOLÓGICO-COSMOLÓGICO À LUZ DA
FILOSOFIA DE AGOSTINHO**

Trabalho “O problema do mal metafísico-
ontológico à luz da filosofia de
Agostinho”apresentado para fins de
avaliação parcial do Curso de Licenciatura
plena em Filosofia

1. Prof^o. M.s. Pe. João Batista de A. Prado Ferraz Costa_____
2. Goiany Arruda de Oliveira_____
3. Porf^a. Ms. Marisa Roveda_____

RESUMO

Este trabalho apresenta a solução encontrada por Santo Agostinho com referência ao problema do mal. A pesquisa é filosófica e o resultado aqui apresentado parte do envolvimento de Agostinho com o maniqueísmo, gnose vigente em sua época, a qual traz no cerce de sua doutrina uma concepção dualística-materialista, atribuindo ao mal um princípio ontológico idêntico ao do Bem. Analisa-se, também, o encontro de Agostinho com o neoplatonismo, quando, com a ajuda de Plotino, ele passará a entender o mal como não-ser, ou seja, como ausência de um bem.

Palavras chave: Maniqueísmo, Agostinho, problema do mal, Plotino.

O PROBLEMA DO MAL ONTOLÓGICO-COSMOLÓGICO À LUZ DA FILOSOFIA DE AGOSTINHO

INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é apresentar as conclusões alcançadas por Agostinho com referência ao problema do mal, levantando como hipótese o mal como uma privação de uma perfeição que os seres deveriam ter. O fenômeno do mal é aqui apresentado segundo Agostinho, como ausência de um bem, não bem contrário de mal, mas o Bem do qual todas as coisas necessitam para existirem.

A escolha do tema foi motivada por profundo interesse em ampliar o conhecimento acerca da temática do mal sob a perspectiva filosófica. E a escolha por Agostinho se deve, primeiramente, ao apreço pela clareza com que ele expõe seu pensamento, e a profundidade que alcança em suas idéias.

O encontro de Agostinho com a filosofia, seu envolvimento com o maniqueísmo, gnose bem difundida na época em que ele viveu e cujas bases doutrinárias garantiam ao mal um princípio ontológico idêntico ao do Bem, e o mal na perspectiva maniqueísta, é o foco de abordagem do primeiro capítulo.

No segundo capítulo foi analisado o neoplatonismo e a profunda influência exercida pelo pensamento de Plotino sobre o pensamento de Agostinho na formulação da resposta que Agostinho dará ao problema do mal. Analisa-se como o Uno de Plotino amadurece as idéias metafísicas de Agostinho encaminhando-o rumo a sua própria filosofia, que alcançará a partir da identificação do mal como não-ser a sua solução para o problema do mal.

Agostinho procura explicar a questão do mal em seus diversos aspectos, e após estabelecer seus parâmetros (ontológico, físico e moral), conclui a insuficiência do mal no plano ontológico. Para tanto, ontologicamente falando, segundo o pensamento de Agostinho, não existe mal no cosmos, só existe o Bem, e o aparente mal consiste apenas em graus inferiores de seres em relação a este Bem. Tendo sido anulada a existência do mal em plano ontológico, para explicar o mal no mundo, a filosofia de Agostinho se volta sobre o homem e aponta a vontade como sua raiz. Isto acontece por serem muitos os bens, e a vontade egoisticamente tender a bens ínfimos ao invés do Bem imutável.

Esta pesquisa é bibliográfica e sua importância se deve ao fato dela contribuir, ainda que de maneira sucinta, para o esclarecimento do problema do mal àqueles que buscam em Agostinho uma resposta.

1 ENCONTRO DE AGOSTINHO COM A FILOSOFIA

Aurelius Augustinus (Agostinho) nasceu em 354, em Tagaste, norte da África. Nesta cidade transcorreram sua infância e sua juventude. A primeira educação de Agostinho, oferecida pelo pai, foi de base estritamente humanística, feita pela gramática e retórica. E tendo iniciado seus estudos em Tagaste ele os concluirá em Cartago, onde, seguindo o cronograma curricular, “Agostinho despertará para a vida filosófica lendo um diálogo de Cícero¹, o *Hortensius*” (GILSON, 2010).

Inspirado no *Protéptico* de Aristóteles, o livro de Cícero compõe um discurso

¹Cícero (106-43 a.c) Tribuno romano e o mais significativo representante do pensamento eclético em Roma.

de exortação à filosofia onde estabelece uma relação estreita entre sabedoria, filosofia e felicidade, apresentando Agostinho ao eudemonismo² aristotélico que defende a tese de que todos os homens desejam a felicidade.

Com o auxílio da referida obra, Agostinho chega à percepção de que o conhecimento da verdade e o conhecimento do Bem são equivalentes, e que só a posse desse conhecimento (Bem) traz felicidade. A filosofia é então apontada como único caminho capaz de conduzir o homem a este conhecimento (Bem), pois só ela é capaz de levar o homem a discernir o Bem do mal.

As palavras de Cícero inspiram profundamente o espírito do jovem Agostinho³, ao ponto de inflamarem uma revolução: “Este livro mudou meus sentimentos, subitamente, tornou-se vil a meus olhos toda vã esperança, e com incrível ardor de meu coração suspirava pela sabedoria imortal” (AGOSTINHO, 2002). E amparado no axioma aristotélico de que todos os homens querem a felicidade, se instala na alma de Agostinho o conflito acerca do mal. Por que, se todos os homens desejam a felicidade, que é o Bem, por que é que suas ações tendem exatamente para o contrário, o mal? O que é o mal?

Com Cícero, Agostinho descobre a filosofia como saber racional. A felicidade, ou o Bem tão desejável, pode ser atingido pela pura atividade intelectual do espírito. Mas é importante ressaltar outra grande obra lida por Agostinho na mesma época da leitura de *Hortensius*, e que contribuirá para formar nele a ideia de substância, ideia essencial para se entender a solução encontrada por ele para o problema do mal. Trata-se da leitura de *As Categorias*, de Aristóteles.

² Eudemonismo: doutrina que coloca a felicidade como objetivo da vida.

³ Agostinho tinha cerca de 19 anos quando leu *Hortensius*.

No livro, Aristóteles organiza uma tabela decimal onde propõe as categorias do ser e seus acidentes. São elas: Substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, ação e paixão. Destas 10 categorias, Aristóteles reconhece a primeira (substância) como fundamental e, as nove restantes, accidentais. “Do que fica dito se segue que tudo o que se diz de um objeto, é necessariamente categoria dele” (ARISTÓTELES, 1982). Quanto à substância, “é tudo o que tem constância, estabilidade e autonomia no ser” (MONDIN, 2008).

Agostinho comprovará a insuficiência do mal no plano ontológico exatamente por não formar o mal uma substância. Ou seja, o mal, no pensamento de Agostinho, não possui solidez, permanência, identidade, e para existir se faz necessário que outra coisa exista, pois o mal não tem prioridade quanto ao ser.

Agostinho relaciona as categorias aristotélicas⁴ ao conceito materialista maniqueu de substância corpórea, passando a ver tudo no mundo, inclusive Deus, como substância material. E como ele entrou para a seita do maniqueísmo é o que será analisado a seguir.

1.1 ENTRADA DE AGOSTINHO PARA O MANIQUEÍSMO

A filosofia desenvolvida em *Hortensius*, por mais racionalista que possa ter sido, teve o mérito de despertar o espírito do jovem Agostinho para a dimensão das

⁴ Para que não fique o mal entendido de que *As Categorias* de Aristóteles se refiram unicamente às substâncias materiais, se faz necessário lembrar que ele reconhece também a existência de substâncias espirituais. “E o que difere uma da outra é o fato de que, enquanto as substâncias

espirituais são simples, as materiais são compostas, isto é, elas são constituídas de dois elementos, a matéria e a forma (MONDIN, 2008, p. 274)".

verdades eternas, imutáveis, metafísicas. E o desejo de estar com a Sabedoria imortal, acaba conduzindo-o aos estudos das Sagradas Escrituras, pois, por mais distante que estivesse da fé católica, em seu entendimento, o famoso livro de Cícero continha uma falha gravíssima: a ausência do nome de Cristo. "Porque tudo aquilo de que estivesse ausente este nome, ainda que fosse de uma obra literária burilada e verídica, nunca me arrebatava totalmente" (Agostinho, 2002).

Mas a leitura da Sagrada Escritura, comparando-a com o brilhantismo do livro de Cícero, não foi capaz de inspirá-lo tanto quanto ele desejava. Ademais, achou seu estilo tão simples e por isso se desiluiu abandonando-a.

Hortensius passou a Agostinho a ideia de verdade como algo capaz de ser alcançado pelo próprio homem através de um espírito puramente racionalista. E é evidente que o que Agostinho procurava naquele momento, nas Sagradas Escrituras, não era simplesmente uma mensagem espiritual, pois Cícero desperta-o para a racionalidade empírica que defende a experiência sensorial como única forma de conhecimento, pelo que se entende que o que ele buscava eram explicações mais científicas e racionais para os grandes problemas do cosmo, do homem, e especialmente para o problema do mal.

Morando em Cartago em razão de seus estudos, onde "a filosofia dominante era a maniqueia; Agostinho não tardou em fazer-se ardoroso defensor deste sistema" (MONDIN, 2008). E assim depois da experiência frustrada da leitura da Bíblia, e com fome de sabedoria, Agostinho se torna membro da seita gnóstica dos maniqueus. E por nove anos ele esteve envolvido pelos ensinamentos gnósticos.

O maniqueísmo era uma seita gnóstica secreta, fundada por um monge asceta chamado Mani ou Mánes, por volta do século III, na Ásia menor. "O

maniqueísmo é uma mistura fantasiosa de elementos gnósticos, cristãos e orientais, que se fundamentam no dualismo da religião de Zaratustra”(ABBAGNANO, 1998, p. 616).

Entre os motivos que levaram Agostinho a se filiar ao maniqueísmo, a sua preocupação em encontrar a resposta para o problema do mal, ocupa o cerne de sua adesão e permanência na seita.

A citação logo abaixo faz transparecer isso:

O maniqueísmo apresentava-se como uma doutrina que reunia os dois elementos que Agostinho tanto queria: primeiro, o apreço à sabedoria, pois se apresentava com o nome de gnose ou ciência, ou uma religião-ciência, capaz de dar uma explicação racional do universo e da vida e principalmente uma explicação confortável ao problema do mal (COSTA, 2002, p. 46).

Na resposta ao problema do mal, os maniqueístas constroem um dualismo ontológico no qual baseiam sua doutrina em dois princípios totalmente independentes, que nomeiam como Reino da luz (Bem) e o Reino das trevas (mal). Quanto ao poder e valor desses dois reinos, ambos têm no plano cósmico, princípios idênticos, mas não é a mesma coisa, pois como foi dito, são independentes. São capazes de criar suas próprias emanções e, na luta cósmica, estão em pé de igualdade (COSTA, 2002).

Na construção deste universo dual e ontológico, os maniques constroem uma belíssima história onde dividem sua doutrina em três estágios, ou tempos. O primeiro tempo, inicial ou passado, engloba as origens cósmicas dos dois reinos, o Bem e o mal, quando eles viviam independentes um do outro e como se deu a mistura entre eles.

Estes dois princípios segundo os maniqueus são co-eternos. Conta-se que ambos não sabiam da existência um do outro, até o mal ver o espetáculo

maravilhoso da luz do Bem, e movido por sua natureza má, causar ao Bem imenso alvoroço misturando-se a Ele (Bem) a partir de emanções criadas de sua própria substância (COSTA, 2002).

Para se livrar do mal, o Bem cria sua primeira emanção, o Homem Primordial, dando início ao tempo médio. O Homem primordial, com a ajuda de seus cinco filhos que são: éter, ar, luz, água e fogo, o Homem primordial conseguem libertar o Bem do mal, mas acabam ficando preso na matéria, que é a substância do Mal. Para resgatar o Homem Primordial, o Bem fez surgir dele mesmo sua segunda emanção, o Espírito vivificador, que com seus cinco filhos: inteligência, ciência, reflexão, pensamento, consciência conseguem libertar do reino das trevas o Homem Primordial.

Ambos, Homem Primordial e Espírito Vivificador, regressam juntos ao seio do Bem absoluto, mas seus filhos ficam presos na matéria, instalando desta forma o conflito cósmico entre o bem e o mal o qual perdurará até o terceiro tempo, quando o salvador porá fim aos três tempos, purificando todo o bem preso ainda na matéria. A figura do Cristo aparece no terceiro tempo, mas ele não é o salvador. Na crença dos maniqueus, Jesus Cristo é apontado como profeta que veio a mundo abrir espaço para o verdadeiro salvador, no caso, Mani, que inicia o último estágio de libertação.

Os reinos humanos, minerais e vegetais passam então a existir só a partir do advento do Homem Primordial e do Espírito Vivificador, “nenhum ser vivente nasceu ou emanou diretamente de Deus, exceto os setes estéreos, Homem Primordial e Espírito Vivificador” (Costa, 2002). Dessa forma todos os seres que passam a existir compartilham desta natureza dual e em perpétua discórdia, pois trazem em si duas naturezas, ou seja, são ao mesmo tempo bons e maus. “Estes dois princípios são representados no homem por duas almas: uma corpórea, que é a do mal, a outra luminosa, que é a do bem” (ABBAGNANO, 1998, p. 616).

No maniqueísmo então, o mal sempre existiu, é ontológico, co-eterno, não tem começo e não terá fim. O salvador que prevê a escatologia maniqueísta, não porá um fim ao mal ontológico, ele simplesmente libertará o Bem preso à matéria, restituindo a antiga ordem, ou seja, cada reino (Luz e Trevas) em seu lugar.

1.2 O PROBLEMA DO MAL NO MANIQUEÍSMO

No maniqueísmo o mal estava no nível ontológico-cosmológico-materialista. O que vale dizer que o mal, assim como o Bem, sempre existiu e sempre existirá. Nesta perspectiva o Bem é totalmente passível de corrupção e Agostinho mostra que, ao expor como se deu o combate entre os dois reinos, o maniqueísmo não só transforma o Bem em uma natureza corruptível, mas tão má quanto a natureza do mal.

No decorrer deste artigo se verificara como Agostinho conseguiu afastar-se das aporias maniqueístas, pois se Bem e mal tem o mesmo princípio, isto equivale a dizer que Bem e mal têm a mesma origem.

Agostinho perceberá a insuficiência destes raciocínios, pois as respostas maniqueístas não respondem à pergunta: que é o mal? Dizem apenas que o mal tem um princípio ontológico e idêntico ao do Bem.

Dar ao mal um princípio ontológico, por mais obscura e contraditória que esta linguagem possa parecer, é sem dúvida isentar o Bem da autoria do mal presente no mundo, já que o princípio ontológico do mal responderia ao porquê da maldade no mundo. Mas a resposta maniqueia, se examinada mais profundamente, se apresenta muito incoerente e confusa, pois ao atribuir ao mal um princípio idêntico ao do Bem, ela acaba colocando-os como equivalente, pois Bem e mal compartilham do mesmo princípio. Sabe-se da incompatibilidade desta forma de

pensar, mas a doutrina maniqueia, por mais que não se queira deixar transparecer isto, está dizendo, ainda que de forma subentendida, que Bem e mal são a mesma coisa, pois tem a mesma origem.

No nível físico a corrupção dos seres, dentro da lógica maniqueísta, não pode ser entendida como um mal, pois, tendo todos os seres uma natureza dual (boa e má), eles estariam deterministicamente condenados a se corromperem, e o mesmo vale para o mal moral, isto é, o mal enquanto ação do homem, pois sendo o homem, por natureza, bom e mau ao mesmo tempo, ele ficaria totalmente livre da responsabilidade de seus maus hábitos, entendendo que não se comete erro algum aquele que age conforme sua natureza. No maniqueísmo “o homem não era culpado pelo mal que pratica, mas a responsabilidade recaía sobre o princípio ontológico do mal (COSTA, 2002).

Sendo assim, no maniqueísmo, o homem e o Bem estão isentos da responsabilidade do mal no mundo. No caso do homem, nem suas ações malévolas podem ser consideradas má, visto ele não ter liberdade e estar deterministicamente condenado a seguir sua natureza má. “Eu acreditava, com efeito, que não somos nós que pecamos, mas tão somente aquela outra natureza que pecava em nós, pelo que minha alma soberba deleitava com não ter as responsabilidades da culpa” (AGOSTINHO, 2002).

Os gnósticos não conseguiram responder a Agostinho a pergunta: o que é o mal? Com toda a sua suposta ciência, Agostinho percebe que o máximo que os maniqueus conseguiram foi reduzir o Bem a uma natureza corruptível. Sua pergunta só encontrará resposta com a descoberta de outra filosofia, o neoplatonismo.

2. A NOÇÃO DE SUBSTÂNCIA E O NEOPLATONISMO

Em 313, data em que o Imperador Constantino publicou o famoso Edito de Milão, dando a religião cristã igualdade de direito, Milão florescia como um cidade muito próspera. Era, justamente com Tréveris, a Capital do Império Romano. Para lá se dirigiam poetas, escritores, oradores e filósofos. E a filosofia grega em nova roupagem conquistava seus adeptos entre os leigos e o clero. Era Platão numa nova versão (neoplatonismo), que dominava o ambiente cultural. A religião católica ocupava destaque especial na cidade e Ambrósio⁵, bispo da cidade, exercia grande poder espiritual e político (COSTA, 2002).

Frustrado pelos dissabores que vinha colhendo no maniqueísmo acontece em Milão, onde Agostinho morava⁶ e desfrutava de enorme prestígio como professor oficial de retórica da cidade, seu primeiro encontro com o Bispo Ambrósio. Agostinho tinha então trinta anos, e narra que a “curiosidade em sondar sua eloquência, para ver se correspondia à sua fama” (AGOSTINHO, 2002), foi, no momento inicial, o principal motivo que o levou a frequentar os sermões do Bispo.

Com Ambrósio, Agostinho desperta para um que seria de capital importância

⁵ Filho de uma rica família senatorial, nascido em Tréveris, aparentado provavelmente como os Símacos, Ambrósio havia recebido a formação de um nobre romano, em gramática, em literatura latina e grega, em retórica e no direito. Como bispo, lia os padres orientais, os filósofos neoplatônicos, e os antigos escritores pagãos. Quando se encontrou com Agostinho, Ambrósio era já quatorze anos mais velho; foi feito sacerdote e bispo aos quarenta anos, exercia tal cargo em Milão, onde tinha, há quinze anos, um poder também político comparável àquela da corte imperial. Era popularíssimo, conselheiro do imperador e um dos homens de poder do papa, que era então **Dâmaso** (COSTA, 2002, p. 138)

⁶ Na época de Agostinho, o retórico já havia perdido o seu papel antigo, que, como sabemos era um papel político e civil, tendo-se tornado essencialmente professor. E Assim, Agostinho ensinou primeiro em Tagaste (374) e depois em Cartago (375-383). Mas a turbulência dos estudantes cartagineses o levou a transferir-se para Roma em 384, passando, no mesmo ano, para Milão (REALE, ANTISERI, 1990, p. 428).

para refutação do seu dualismo maniqueu, e em conseqüência, encerrar o problema que tanto o angustiava: que é o mal?

Da convivência com o Bispo, Agostinho vai incorporar ao seu modo de pensar o conceito de substância espiritual, até então desconhecido. Tal conceito o fará romper definitivamente com a tradição ontológica-cosmológica-materialista, herdada dos maniqueus. “Eu que nem levemente ou por enigma suspeitava o que era substância espiritual” (Agostinho, 2002), narra ele nas Confissões.

Para entender porque o conceito de substância espiritual é tão importante na formulação da resposta que Agostinho dará ao problema do mal, primeiramente é preciso entender o que é uma substância.

Foi exposto no capítulo anterior que As categorias de Aristóteles colocam a substância em primeiro lugar e tudo que vem abaixo dela fica entendido como acidente. É próprio da metafísica clássica dizer que uma substância “é aquilo que é necessariamente aquilo que é” (ABBAGNANO, 1998). Soa meio abstrato, mas isto equivale a dizer que: é aquilo que existe, é a realidade a cuja essência compete ser em si e não em outro sujeito. Substância é então aquilo que possibilita minha essência ser minha.

Substância é então aquilo que existe necessariamente, por si e em si. Diz Aristóteles que temos conhecimento das coisas particulares somente quando conhecemos a essência necessário (substância) das mesmas. Sendo assim é a substância que torna as coisas cognoscíveis. E o que faz o conceito espiritual ser tão importante para o problema do mal em Agostinho, é que antes, como pensador maniqueu, sua mente era incapaz de formar conhecimento de coisas perceptíveis sensivelmente, pois o conceito materialista maniqueu de substância corpórea o fazia pensar tudo como substância material, inclusive Deus: “A origem dos males de que Agostinho sofria seria um tipo de incapacidade radical para conceber uma realidade não-corporal” (GILSON, 2010).

Deste ponto em diante a busca de Agostinho para encontrar a resposta ao problema do mal não mais será guiada pela luz da filosofia materialista, despertada nele por Cícero e consolidada pelas categorias de Aristóteles. Não estou dizendo com isso que ambos tenham desenvolvido sistemas filosóficos materialistas, racionalistas, refiro-me unicamente à experiência de Agostinho com tais obras. A partir da noção de substância espiritual, a origem do mal não mais será procurada no plano cósmico, e sua existência em nível ontológico passará a ser nula.

Aristóteles pode ter despertado Agostinho para a sua vocação filosófica, sim, pois *Hortensius* de Cícero que mexeu tanto com suas convicções foi inspirado pelos escritos aristotélicos, mas é com Platão que Agostinho firmará a filosofia que o acompanhará por toda a sua vida desde então. “Fiel à tradição de Platão, Santo Agostinho pensa menos sobre a existência do que sobre o ser” (GILSON, 2010).

Ambrósio “teve o mérito de iniciar Agostinho em uma nova ontologia em que havia de sentar-se para sempre” (COSTA, 2002). Uma ontologia firmada nas bases sólidas do Ser, e o Ser é perfeição, e enquanto é, é bom. Não há espaço para o mal nesta nova forma de pensar, e a dificuldade em entender o mal como um nada, se tornará o principal obstáculo para a solução do problema do mal. “Já me tínheis libertado daquelas prisões Ajudador meu, mas ainda, sem êxito, buscava a origem do mal” (AGOSTINHO, 2002).

Este problema filosófico só será resolvido mediante o encontro de Agostinho com Plotino. O encontro se dá em 386, quando chegam às mãos de Agostinho, por intermédio de um homem inchado de monstruoso orgulho, como o próprio Agostinho disse no seu livro *Confissões*, alguns livros platônicos, traduzidos do grego para o latim.

Plotino, fundador e o principal expoente do neoplatonismo, realizou uma verdadeira refundação da metafísica clássica, sendo capaz de desenvolver posições novas em relação a Platão e Aristóteles. “Plotino mudou o modo de pensar de

Agostinho, oferecendo-lhe as novas categorias que iriam romper esquemas do seu materialismo e de sua concepção maniqueísta da realidade substancial do mal” (REALE, ANTISERE, 1990).

Plotino aponta para um sistema monista, que equivale a dizer que reconhece a existência de uma única substância. O monismo se opõe ao dualismo que admite a existência de duas entidades, ou dois mundos. No monismo de Plotino no mundo existe um sistema de unidade onde “os mundos inteligível e sensitivo tem o mesmo princípio e fim ontológico” (COSTA, 2002).

Seguindo o modelo de Platão, o mundo inteligível é superior ao sensível, mas Plotino o divide em três sedimentos principais. No topo está o Uno, que é transcendente, perfeito, eterno, infinito e necessário. Deste primeiro princípio, emana a Inteligência, Espírito, Logos ou Noûs. A Inteligência é uma cópia do Uno, e é a mais perfeita de todas as processões, mas não tem unidade perfeita. Ela marca o início da multiplicidade, pois não obstante ser a processão mais próxima do primeiro do primeiro Princípio, a Inteligência ou Espírito traz em si uma divisão interna: por um lado ela contempla diretamente o Uno, do qual é parte, e por outro lado, ela contempla a si mesma, é razão consciente de si mesma. Por fim, encerrando o mundo inteligível, temos a terceira emanção, a Alma universal, ou Alma do mundo (substância espiritual), princípio animador do universo, que dá vida a todos os corpos (REALE, ANTISERE, 1990).

Estes segmentos deram grande contribuição intelectual a Agostinho, pois confirmaram a ideia da substancialidade do Bem aprendida com Ambrósio. Mas a grande contribuição de Plotino para Agostinho no que diz respeito ao problema do mal está na noção de nada como sendo não-ser. “Plotino lhe revelou a diferença radial que separa a luz sensível da luz inelegível” (GILSON, 2010).

2.1 CONCEPÇÃO DO MAL COMO NÃO-SER

Ao contrário da dual cosmologia maniqueísta, que coloca Bem e mal em nível de igualdade, na cosmologia de Plotino não há espaço para mal. Seu monismo o faz admitir um único gênero de substância, o Uno também identificado com o Bem. “Obviamente, não se trata de um bem em particular, mas o Bem-em-si, ou melhor, daquilo que é Bem para todas as coisas que dele necessitam” (REALE, ANTISERE, 1990).

Acima do Bem Plotino não pronuncia nenhuma outra realidade. “Sendo o Bem Supremo, não há nenhum bem acima ou fora dele” (GILSON, 2010). Sua cosmologia é explicada a partir deste único ponto metafísico. O Uno é então o primeiro princípio pelo qual tudo passa a existir por emanção.

Até esse ponto percebe-se que na filosofia de Plotino, o mal é praticamente inexistente. Isto acontece porque o mal não é uma realidade e não deve ser entendido como tal, e “em resumo Plotino torna Agostinho capaz de perceber exatamente isto, a irrealidade do mal” (GILSON, 2010).

Não sendo real, isto é, caso fosse real o mal seria um bem, a procura de Agostinho pela solução do mal, não mais se dará no plano ontológico ou cósmico, pois nestes níveis, identificado com a filosofia de Plotino, o pensamento de Agostinho atesta a impossibilidade de atribuir-lhe existência. Negada a substancialidade do mal, o Bem ocupa lugar de princípio ontológico único. E o mal diz Plotino, é nada.

Agostinho é capaz de entender a profundidade dos escritos neoplatônicos e seu pensamento compartilha da mesma ideia que identifica o mal com o nada. E caso o mal fosse alguma coisa, ou seja, caso o mal existisse, tivesse substância, ele teria que ser classificado entre os bens existentes, pois todas as coisas que existem, trazem em si a ideia do bem. “Tudo que existe ou pode existir é uno, verdadeiro, e bom. Estas três propriedades acompanham inseparavelmente o ser e são um com ele” (JOLIVET, 1982).

Sua originalidade colocará a própria corrupção do seres como prova do que está sendo dito. “Também pude entender que são boas as coisas que se corrompem. E o mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância, porque se fosse seria um bem” (AGOSTINHO, 2002).

A citação abaixo esclarece ainda mais o que está sendo dito por Agostinho:

Para Agostinho, um terceiro raio de luz foi a ideia de que tudo o que é, enquanto é, é bom. Quando se objeta que os seres não são bons porque se corrompem, esquece-se que para poderem se corromper, é necessário precisamente que sejam bons. O mal é a supressão do ser, de modo que, se passarmos do limite à supressão total do bem, realizando o mal absoluto, por definição, isso equivale à supressão total do ser. Logo, isso seria o nada. Isso significa dizer que o mal é somente ausência e falta de algo; longe de ser um ser, o mal não é nada (GILSON, 2010).

Para reforçar os argumentos de Agostinho, faz-se necessário expor o pensamento de Santo Tomás, que a exemplo do Bispo de Hipona coloca o bem como sujeito do mal, isto é, para o mal existir é preciso que o bem exista primeiro.

Vejamos a citação extraída da *Suma Teológica*:

É forçoso admitir-se que todo mal tenha, de certo modo, causa. Pois, o mal é a falta do bem natural ao ser e que este deve ter. Mas a deficiência de um ser, em relação à sua natural e devida disposição, só pode provir de alguma causa que o arrasta contrariamente à sua disposição; assim, um grave não pode mover-se para cima senão por uma causa que o **impede**; e a ação do agente só é deficiente, por algum impedimento. Ora, só o bem pode ser causa, porque nada é causa senão enquanto ser, e todo ser, como tal, é bom (AQUINO, I, XLIX, c).

Em outro trecho Tomás de Aquino acrescenta:

Resulta que não há um primeiro princípio do mal, como há um do bem. Primeiro, porque o primeiro princípio do bem é por essência bom; ora, nada pode ser mau por essência, pois já se demonstrou que todo ser, como tal, é bom, e que o mal só pode existir no bem como no seu sujeito. Segundo, porque o primeiro princípio do bem é o sumo e perfeito bem, que **prencerra** em si toda bondade, como antes ficou demonstrado. Porém, não pode haver um mal sumo, pois, segundo já se demonstrou embora o mal sempre diminua o bem, todavia não pode nunca consumi-lo totalmente, e, assim, sempre renascendo o bem, nada pode haver íntegra e perfeitamente mau. Terceiro, porque a essência do mal repugna à noção de princípio. Quer por ser o mal causado pelo bem, como antes já se demonstrou. Quer por não poder assim ser causa primeira; pois a causa accidental é posterior à essencial, como está claro em Aristóteles. E os que admitiram dois princípios primeiros, um bom e outro mau, esses caíram em tal erro pelo mesmo fundamento por que professaram semelhantes opiniões estranhas aos antigos; a saber, por não considerarem a causa universal de todo ser, mas somente as causas particulares de efeitos particulares (AQUINO, I, XLIX,c).

Para tanto, Tomás de Aquino aprimora os argumentos agostinianos defendendo a não existência do princípio do mal, justificando sua causa como accidental, jamais essencial. E ambos, Agostinho e Tomás, colocam o bem como sujeito do mal, isto é, para o mal existir é preciso que o bem exista primeiro, ou seja, o bem pode existir sem o mal, mas jamais o mal poderá existir sem o bem. O mal, segundo Tomás, nem é existente, e caso fosse existente, a exemplo do pensamento de Agostinho, este teria um ser, e tendo um ser não seria um mal e sim um bem, pois “todo ser tem razão de bondade” (JOLIVET, 1982).

Com a ajuda de Plotino, Agostinho constata a impossibilidade de existência do mal no plano ontológico e cósmico. No que se refere a estes planos mais sutis de nossa realidade, o pensamento de Agostinho conclui que todas as coisas que

existem trabalham para a beleza e harmonia do universo, inclusive o mal, pois estes quando bem ordenado e no seu lugar, realça o bem.

E a exemplo da filosofia de Plotino, Agostinho também aceitará a hierarquia entre os seres, no quesito que diz respeito aos graus de perfeição em relação ao Bem dos bens. Mas se no mundo dos princípios a filosofia de Plotino exclui de existência toda possibilidade do mal, no mundo sensível ela afirmará outra coisa.

No mundo sensível se encontra a última emanção do Uno, a matéria. Esta é a emanção mais pobre e imperfeita, o lugar da multiplicidade e da possibilidade do mal. A identificação do mal com a matéria não é novidade, inclusive já foi apresentado como na cosmologia maniqueísta o mal e a matéria se identificavam. Agostinho não aceitará essa forma de pensar; para ele identificar a matéria com o mal é o mesmo que atribuir-lhe substância. Além do mais, para Agostinho o mal não é algo necessário à harmonia do universo, enquanto para Plotino o mal é algo natural e mesmo necessário. E é justamente neste ponto, quanto à resposta ao problema do mal, que os dois pensadores se separam e que a filosofia de Agostinho ganha sua originalidade (GILSON, 2010).

Para entender o que Plotino está dizendo, é preciso ter em mente que ele classifica a matéria e os seres corpóreos pela teoria da emanção, onde tudo está no Uno. Ou seja, toda a multiplicidade no mundo sensível deriva, também, em última instância, do Uno. “O Uno produz todas as coisas permanecendo firme e, precisamente ao permanecer, gera, no sentido de que o seu gerar não o empobrece e não o condiciona” (REALE, ANTISERI, 1990).

O Uno, diz Plotino, não tem forma, nem forma inteligível, Ele é então gerador de todas as coisas, mas não é nenhuma delas. Para tanto, a multiplicidade dos seres não é direta, tem um desdobramento, um processo pelo qual vão derivando do Uno, que é perfeição até seu nível mais baixo, a matéria.

Para entender como o Uno se multiplica até a matéria, é preciso ter em mente a inteligência ou Nous, que é sua primeira emanção e a única realidade que tem origem imediata no Uno. Como já foi exposto, a Inteligência marca o início da multiplicidade, pois traz em si uma natureza dupla, por um lado ela contempla o Uno e por outro, a si mesma, e neste contemplar a si, a Inteligência faz surgir a alma (REALE, ANTISERI, 1990). A alma é então o princípio do movimento de todas as coisas sensíveis, ela não só dá a vida a todos os seres sensíveis, como também os ordena, os dirige e os governa. A alma, segundo o modelo de Plotino, é a última realidade inteligível, a realidade que se comunica com o sensível, sendo ela própria a sua causa. Desta forma a filosofia de Plotino, sem negar o seu monismo, consegue conciliar a unidade perfeita, espiritual, eterna, infinita, imutável e necessária do Uno, com a finitude da natureza e a múltipla contingência dos seres corpóreos.

Para explicar de uma forma mais clara, Plotino faz uso de analogia, a mais conhecida é o exemplo do sol. Imagine que o centro do sol seja o Uno, os raios que partem deste centro, e por tanto estão mais próximos a Ele seriam a Inteligência, seguindo assim, por sua vez emana a alma, a realidade mais distante do Uno. Mas é preciso ressaltar que há uma hierarquia de alma, no sentido de que em primeiro lugar está a Alma Suprema, que permanece em união estreita com a Inteligência. Seguindo o mesmo modelo da Inteligência, a Alma suprema, não bastando a si mesma, contempla a Inteligência e a si mesma, e neste contemplar a si mesma surge a alma universal, princípio da matéria, criadora do mundo e do universo físico, e que por sua vez, faz surgir às almas particulares, que anima todos os corpos. Portanto, cabe à alma o papel de ponte entre o mundo inelegível e o mundo sensível (GILSON, 2010).

Sendo assim, a matéria é o extremo limite do Uno. Para além dos limites da matéria não há mais emanção alguma, ou não existe mais nada. Para Plotino, a

matéria é o “lugar de obscuridade, da multiplicidade e, por tanto fonte ou possibilidade do mal” (COSTA, 2002):

A matéria não nasce da Alma Suprema, inteiramente ativa na contemplação, mas, do limite extremo da Alma no universo, onde a contemplação se enfraquece pelo menos à medida que a Alma volta-se mais para si do que para a Inteligência ((REALE, ANTISERI, 1990).

Ou seja, a matéria em seu estado puro é uma privação, na medida em que por seu distanciamento do Bem ela não é capaz de contemplá-lo, e é isto que Plotino chama de mal, não-ser, ou nada. Mas em Plotino, a matéria não é o princípio autônomo do mal, como queriam os maniqueus, pois por proceder do Uno, ela é boa, a matéria é entendida como má exatamente por privar o bem do Bem. O que a diferencia das outras emanções, é que a matéria, não é capaz por si própria de contemplação, e isto acontece quando ela não está unida à alma universal, analogicamente falando, seguindo com o exemplo do sol este estado de desarmonia e desunião, seriam as pontas dos raios solares, tão enfraquecidas que mau se perceberia a luz presente ali.

Por isso, a matéria não é nada, ela precisa estar unida à alma, que é quem a dirige, a governa, e contempla o Bem por si, por intermédio da Alma Suprema, que por sua vez está unida a Inteligência. De uma forma mais clara, o mal é identificado com o nada exatamente por não ser nada. Sei que fica vago usar essas palavras, mas não há o que falar do nada. O mal é o não-ser, ou o nada, por estar tão distante do Bem que chega a ser incapaz de conhecê-lo.

Estes conceitos influenciaram profundamente Agostinho, principalmente a noção de nada como equivalente ao conceito de não-ser. Pois no maniqueísmo, tudo era pensado a partir de uma substância corporal, e o próprio nada não existia, pois quando se pensava no nada, o que se pensava era num espaço vazio, que é o mesmo que um espaço corpóreo, e não um nada absoluto. “O que não ocupava

espaço me parecia um nada absoluto, perfeito, e não um simples vazio” (AGOSTINHO, 2002).

E depois de um exaurido trabalho intelectual, Agostinho alcança com seu pensamento uma noção do mal que o coloca em condições de negar que o Bem possa ser seu autor:

Uma vez que o mal não é nada, Deus não poderia ser seu autor. Tudo o que é, enquanto é, é bem. O que é verdadeiro para os seres materiais, é também para os seres espirituais; o que é verdadeiro para suas substâncias é verdadeiro para seus atos, mesmo para os atos malvados, como os pecados, pois eles implicam certo bem a medida que implicam o ser. A partir do momento em que aperfeiçoa essa evidência, Agostinho encontra, enfim, algum repouso: sua loucura se apazigua, sua alma se eleva ao conhecimento de Deus, ele vê em Deus uma infinita substância espiritual e, pela primeira vez, alcança uma visão que não era da carne, mas do espírito. Essencialmente, essa foi a descoberta que o neoplatonismo lhe trouxe (GILSON, 2010, p. 445).

Agostinho vai então aplicar o conceito de “não-ser”, ao problema do mal, passando realmente a identificar o mal com o nada. Mas ele se afasta do pensamento de Plotino, pois como se viu, Plotino faz identificação do mal com a matéria, e para Agostinho isto é o mesmo que lhe atribuir existência, ou seja, substância.

Agostinho entende o mal como negação do ser, o que equivale a dizer que o que se percebe no fenômeno do mal é a ausência do bem. A partir disso, o mal na filosofia de Plotino tem um sentido natural e necessário, pois contribui para a perfeição do universo, na medida em que realiza todas as potências do Uno (potência não no sentido de movimento). Mas para Agostinho é impossível o mal pertencer à perfeição do universo, sua aparição é acidental, e pressupõe a

existência de um bem. Então, no pensamento de Agostinho, o mal significa carência de uma perfeição no sujeito, uma negação, uma privação de um bem.

Salienta-se então por tudo que foi analisado neste artigo que o mal em Agostinho é praticamente nada, não-ser. Obviamente que o mal aqui, não deve ser entendido naquele dualismo que o coloca como oposto ao bem, pois não se trata disso. Foi analisado o mal sob o de vista ontológico-cosmológico, e só nestes níveis o mal deve ser entendido como não-ser, ou nada. E todo o aparente mal no cosmos não passa de graus de perfeição inferiores com relação ao Sumo Bem.

Agostinho diz que o mal prejudica enquanto priva o sujeito de bem, mas que o mal não pode consumir totalmente o bem. O mal é então entendido com falta de uma perfeição que o sujeito deve ter e não tem, pois está sendo privado. E o ser enquanto é, é sempre bom.

Então sob o ponto de vista ontológico-cosmológico, o mal não existe, o que equivale dizer que o mal é a privação de uma perfeição, ou de um bem.. Agostinho conclui que sendo o Bem o criador de todas as coisas, Ele jamais criaria algo que não fosse o Bem. Desta forma ele encerra o assunto do mal, ou pelo menos nos níveis mais sutis de nossa realidade, onde fica evidente que só o Bem impera.

CONCLUSÃO

Este artigo apresentou o problema do mal sob a ótica do pensamento de Agostinho. O objetivo partia do interesse em expor a resposta dada por Agostinho à pergunta: que é o mal? E analisava o mal como uma privação de um bem que os seres deveriam ter.

No primeiro capítulo foi exposto o encontro de Agostinho com a filosofia através de duas grandes obras, *Hortensius* de Cícero e *As Categorias* de Aristóteles. Verificou-se como o livro de Cícero foi capaz de transformar o espírito do jovem Agostinho, direcionando sua reflexão rumo aos grandes problemas metafísicos.

Foi analisado como a fome de sabedoria levou Agostinho a frequentar, depois de uma leitura frustrada das Sagradas Escrituras, a seita gnóstica dos maniqueus. Foi exposto como na doutrina maniqueísta, o mal, era apresentado como tendo um princípio ontológico idêntico ao do Bem, e como os dois princípios Bem e mal, se misturam no plano cósmico.

Verificou-se que o problema do mal no maniqueísmo se encontrava no nível ontológico-cosmológico-materialista, isto é, o mal existe no cosmo como princípio e forma uma substância independente, autônoma e que se identifica com a matéria. O problema do maniqueísmo está no fato dele nos remeter a um dualismo em relação à origem do Bem e do mal no mundo. A construção de todo esse universo dual não parece querer dizer outra coisa senão que Bem e mal é a mesma coisa, pois ambos têm a mesma origem, o mesmo valor e poder.

Agostinho comprova a fragilidade desta teoria, pois ao mostrar como se deu a mistura dos dois princípios, os maniques tornaram o Bem totalmente passível de corrupção. E livre das balelas maniqueias, Agostinho encontra no neoplatonismo, e em especial em Plotino, o ponto de referência de onde parte sua resposta ao problema do mal. Introduzido numa nova metafísica pelo bispo Ambrósio, Agostinho concluirá que o mal ontológico é um não-ser (nada), ou seja, uma privação de uma perfeição que os seres deveriam ter. O que equivale a dizer que, toda vez que um sujeito está sendo privado de uma perfeição que deveria ter o mal estará se manifestando. Não como algo presente, como é costume pensar, mas exatamente o contrário, como negação dessa perfeição, desse bem. Foi verificado como o mal não pode ser entendido como substância, pois caso fosse, teria existência, e sendo assim não seria um mal e sim um bem.

Agostinho prova racionalmente que todo mal no mundo está nas criaturas e não no criador. Negada a existência do mal em plano ontológico e cósmico, o pensamento de Agostinho garante que tudo que existe é um bem, pois tudo foi criado pelo maior Bem de todos.

Não existe mal nas coisas, e todo mal neste sentido deve ser entendido não como presença, e sim, privação. O mal metafísico-ontológico é então caracterizado, na filosofia de Agostinho, como ausência de uma perfeição, de um bem. Uma vez que fica comprovada a inexistência do mal nesses planos de realidade.

A importância do problema em Agostinho consiste essencialmente em conciliar a bondade de Deus com a maldade presente no mundo, e Agostinho consegue por meio de argumentos racionais, não só responder que o Bem não é o criador do mal, como responder o que é o mal.

Nesse sentido a solução dada por Agostinho ao problema do mal se apresenta como uma resposta madura e coerente, e que se constitui um marco de referência. À parte isso, sua solução para o problema do mal está fundada em argumentos racionais o que contribui para o enriquecimento do conhecimento filosófico.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, 1998.

AGOSTINHO, *Confissões*, São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, *O livre-arbítrio*, São Paulo: Paulus, 1995

ARISTÓTELES, *As Categorias*, 1982

MONDIN, Batista, *Curso de Filosofia – Volume I*. São Paulo: Paulus, 2008.

GILSON, Étienne, *Introdução ao estudo de St. Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2003

JOLIVET, Régis, *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1982

REALE, Giovane, ANTISERI, Dario, *História da Filosofia – Volume I*. São Paulo: Paulus, 1990.

COSTA, Paulo Roberto Nunes, *O problema do mal na polêmica antimaniquéia de St. Agostinho*. Porto Alegre: EDIPUCRS/INICAP, 2002.

AQUINO, Tomás, *Suma Teológica*. Caxias do sul/ Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul/ Escola superior de Teologia, 1980.